

BRASIL - PORTUGAL

16 DE JULHO DE 1908

N.º 228

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editoras», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa

Egrejas, Mosteiros e Capellas



O altar-mór da velha igreja dos Anjos

O primeiro centenario da Guerra Peninsular



Começou já, em diferentes pontos do paiz, a commemoração do primeiro centenario da Guerra Peninsular, na qual os soldados portuguezes se cobriram de gloria justificando assim, combatendo-o, o juizo que d'elles formava o proprio Napoleão — admirando-os.

Commandado por Junot e fortemente auxiliado pelos hespanhoes que nunca deixaram de olhar cubicosamente para este recanto da peninsula, o exercito francez entrou em Portugal em 1807.

Ao chegar a Lisboa não era um exercito triumphante mas simplesmente um bando de maltrapilhos e famintos a quem a população soccorreu no primeiro impulso generoso, amparando-os e vindo ás portas dar-lhes comida.

Não entraram como adversarios — apresentaram-se como amigos e como tal ordenára D. João VI, ao retirar-se para o Brasil, que fossem recebidos. Só assim se comprehende, devido ao religioso respeito que então ainda inspiravam todas as determinações reaes, que os portuguezes não tivessem esmagado n'um impeto de patriotismo esses invasores esfamados que, no dizer de alguns contemporaneos, não teriam resistido a meia duzia de varapaus bem manejados pelas mãos rijas dos nossos montanhezes.

A facil entrada dos soldados napoleonicos não foi portanto um acto de cobardia da parte dos naturaes d'este paiz, porque nunca a cobardia habitou em terras de Portugal nem coube em peitos portuguezes. Ingenuidade sim, ingenuidade e respeito pelas ordens d'um rei que ainda mesmo retirando-se para o Brasil, no momento de maior perigo, ainda assim se tornava querido e deixava saudades entre os seus vassallos. Santos tempos eram esses de tão

extraordinaria obediencia e talvez por isso mesmo de tão arreigadas e fortes crenças!

Bem depressa, porém, essa ingenuidade recebeu durissimos golpes quando os francezes, refeitos do cansaço das longas marchas e collocados em estado de resistencia, passaram a representar o seu verdadeiro papel de agressores d'uma nacionalidade tão heroica e ciosa da sua liberdade que, mesmo depois de apanhada de surpresa e desarmada, nem assim succumbiu.

Substituida a bandeira nacional pela bandeira tricolor, enviada para França a parte mais brilhante e mais valida do nosso exercito, alim de servir sob as ordens de Napoleão nas suas guerras contra a Europa inteira, imposta ao paiz uma forte contribuição, espoliados os cidadãos dos seus direitos e vexados nas suas crenças e tradições, o povo portuguez comprehendeu que a sua independencia tinha deixado de existir e que só um milagre poderia restituir a Portugal a sua antiga situação perante o mundo civilisado.

Começou portanto a resistencia, a principio lenta e surda, feita no segredo das conspirações, e mais tarde brilhante e audaciosa, patenteando-se nos campos de batalha com as armas na mão. E o milagre operou-se, sahido do conjunto de muitas dedicações, de muito sangue, de muito heroismo, talvez tambem de muitas barbaridades que se tornaram santas porque é santo tudo quanto se faça para expulsar do solo da patria aquelles que attentam contra a tranquillidade dos lares, con-

tra o socego das familias, contra a santidade das egrejas, contra tudo enfim quanto constitue a base d'um povo que é livre e que deseja continuar a sê-lo.

Victimados á traição ou lealmente, ao passarem n'um desfilderoiro ou em batalha — exercito contra exercito, — mortos a dormir ou acordados e em combate leal, tudo servia para supprimir os invasores, que depressa conheceram que a sua permanencia em Portugal importava a sua estada n'um paiz ferozmente inimigo embora no começo não podessem calcular a força d'esse inimigo nem prever que seria no solo da Iberla e muito especialmente nos limites da antiga Luzitania, que as armas napoleonicas, como em tempos remotos as legiões de Roma, haviam de soffrer terribes desastres.

Revoltado o paiz de norte a sul, mortas, postas em fuga ou aprisionadas as guarnições francezas d'algumas terras, estava começada a brilhante campanha que a historia regista com o nome de Guerra Peninsular e que prolongando-se desde 1807 até 1814 deu occasião a que a nação portugueza mostrasse brilhantemente a sua vitalidade e o valor dos seus filhos que depois de expulsarem o invasor de Portugal ainda o perseguiram atravez da Hespanha, de combate em combate, de batalha em batalha, fazendo-o passar os Pyreneus e arrebatando-o para dentro da França, em cujas fortalezas tremulou a nossa bandeira como remate soberbo da altiva desforra de todas as affrontas que nos haviam sido feitas.

Estamos certos de que a commemoração do primeiro centenario da Guerra Peninsular assumirá as mais brilhantes proporções porque na alma portugueza teem especial valor, sobre todas as outras, as glorias provenientes dos feitos guerreiros.

A essa commemoração que já começou no Porto e n'outras terras, e que irá tendo logar em todas as cidades e villas do paiz á medida que as datas festivas se succederem, associa-se o *Brasil-Portugal* com o maior entusiasmo e para ella concorrerá por meio da gravura, pela pena dos seus redactores e pela de todos aquelles que queiram collaborar n'uma obra de interesse geral para a nação portugueza, por isso que, sendo uma glorificação de heroes, constitue tambem uma lição e um incitamento aos descendentes d'um povo que ha um seculo tão bem soube honrar a patria.



Centenario da Guerra Peninsular

Imagem de Santo Antonio que acompanhava sempre durante toda a campanha o regimento de infantaria n.º 19, de Cascaes, e pela qual os soldados professavam a mais entranhada devoção



Centenario da Guerra Peninsular

Uniforme dos soldados do regimento d'infantaria n.º 19, de Cascaes, um dos que mais se distinguiram em toda a campanha



S. João

Sanjoaneiras

No claustro d'Odivellas
S. João tocou tambor
Para acordar almas de freiras
Que morreram por amor.

Nos campos d'Aljubarrota
S. João botou chamados
Para resurgirem os mortos
Da ala dos namorados.

A' beira do mar sentado
S. João tocou trombeta
Para dar noivas aos noivos
Da antiga nau Catrineta.

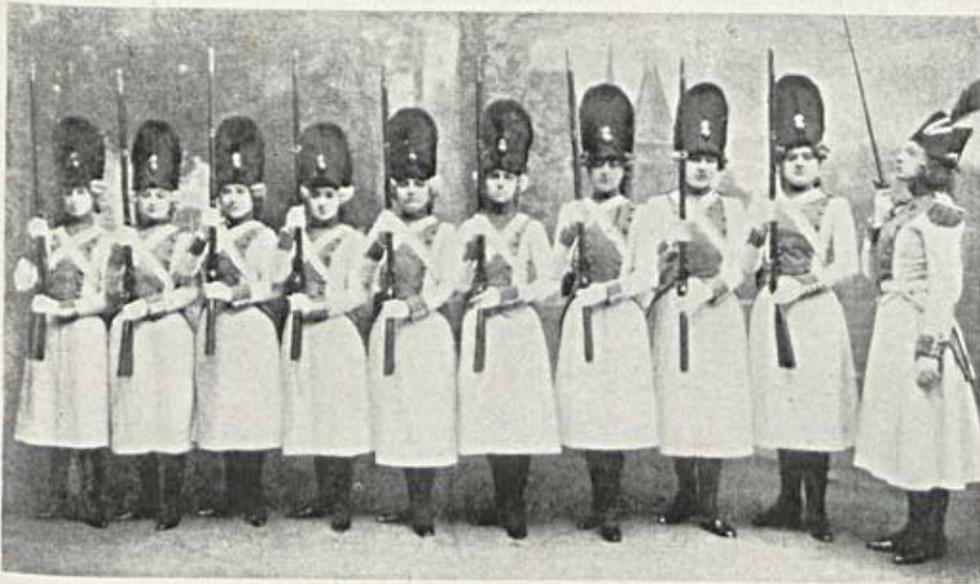
Pelo S. João aprendemos
Eu e tu á beira mar
Que é terrivel bebedeira
Bebedeira de luar.

Eu cuido que então belemos
Do Sete Estrello as scentellas
A mim ficou-me na bocca
Um gosto d'estrellas velhas.

S. João entristecido
De não te encontrar na fonte
Passou sua santa noite
Errante de monte em monte.

Entre descante e descante
Distinctamente eu ouvia
Uma voz aluarada
Chamar Maria! Maria!

Uma festa no palacio de Iturbe, em Madrid



Senhoras da aristocracia madrileña formando o piquete de granadeiros que prestou honras á familia real

Com a assistencia do rei de Hespanha, das rainhas e dos restantes membros da familia real hespanhola, realisou-se em principios do mez findo, em Madrid, no palacio de Iturbe, uma festa das mais elegantes, em beneficio de algumas instituições de caridade.

A festa foi em todas as suas manifestações uma evocação admiravel dos primeiros annos do seculo passado.

Em frente do estrado onde se sentaram as pessoas reaes fizeram a guarda de honra algumas senhoras da primeira aristocracia de Madrid, sob o commando de D. Piedade Iturbe, empregando todas costumes dos antigos granadeiros da guarda.

Politica internacional



Referimo-nos, na revista anterior, á visita de Eduardo VII ás tres côrtes scandinavas, e já temos nesta que mencionar dois novos encontros, e d'esta vez da mais transcendente significação para a politica internacional.

São elles a visita do sr. Fallières a Londres e a entrevista do rei de Inglaterra e do Tsar em Reval. Em ambas figura Eduardo VII, cuja actividade diplomatica está excedendo tudo quanto neste sentido d'ella se podia esperar. Qualquer d'estes dois acontecimentos politicos teria isoladamente e em qualquer occasião grande importancia. Realizando-se apenas com intervallos de dias e na presente situação da Europa são sensacionaes, e parecem-nos de largo alcance para a solução dos problemas internacionaes pendentes.

A entrevista de Londres vem confirmar a solidez da *entente cordiale*, que Eduardo VII publicamente proclamou *entente permanente*, e que segundo os melhores horoscopos está pouco a pouco convertendo-se n'uma formal alliança, termo ultimo e logico da evolução politica dos dois paizes. Sobre este ponto não pôde haver duvida alguma e ninguém deve illudir-se a tal respeito. Quem está tornando a alliança franco-inglesa inevitavel é a inhabilidade diplomatica da Wilhemstrasse, que depois da retirada de Bismarck só tem conseguido isolar a Alemanha e priva-la das suas tradicionaes amizades. Foi esta inhabilidade que tornou possivel a alliança franco-russa. Foi ella que realiso a aproximação da França e da Inglaterra, que converteu a aproximação das duas nações na *entente cordiale*, e que vae transformar esta ultima n'uma verdadeira alliança. Ao mesmo tempo a politica de Berlim, depois de ter lançado a França nos braços da Russia, aproximou a Russia da Inglaterra e está em vespas de crear, se é que não creou já, uma nova Triplice alliança dirigida no fundo contra a Alemanha, apesar das declarações com que pretendam dissimular-lhe o character.

E é com effeito a existencia de uma alliança de facto entre a França, a Russia e a Inglaterra, qualquer que seja o nome que lhe dêem, que a entrevista de Reval veio denunciar. E comprehende-se que assim seja.

O poder da Alemanha é tão vasto e a sua expansão tão extraordinaria, que as demais nações são fatalmente levadas a pensar n'uma colligação para se defenderem do colosso, que as ameaça. Sobretudo depois que Guilherme II quiz a todo o custo ter no mar a superioridade que por terra possui, comprehenderam os outros estados, e entre elles a Inglaterra, que a nação que conseguisse pela reunião da primeira esquadra e do primeiro exercito unificar sob a mesma vontade a mais poderosa força que jamais existiu sobre a terra, seria um perigo real para todos. E' esta a razão porque o circulo em torno da Alemanha se vae cada dia apertando mais, e porque tão bom

exito tem logrado obter a actividade diplomatica de Eduardo VII. O terreno para a sua acção está bem preparado, e facilmente o rei de Inglaterra encontra as adhesões de que carece, visto que elle está assumindo o papel de chefe de uma verdadeira liga anti-germanica.

E' pena no entretanto que tão errada comprehensão dos seus interesses tenha tornado objecto da desconfiança universal a patria de Kant e de Schiller, a nação a quem a arte, a sciencia e a industria tanto devem. Quando acordará a Alemanha d'este fatal sonho de imperialismo, que tantas sympathias lhe tem alienado, e que porventura tão difíceis dias lhe está preparando no futuro?

Mais um novo agravamento acaba de ter a questão de Marrocos, e parece que d'esta vez mais serio do que os precedentes.

Mulai Hafid, que certos correspondentes de Tanger davam como absolutamente destituido de meios para fazer vingar a sua causa, acaba de entrar em Fez sendo ali proclamado sultão. Esta noticia que caiu como um raio sobre as chancellarias da Europa, pelo menos sobre algumas, possui com effeito excepcional importancia pelas consequencias immediatas que pôde produzir. E' sobretudo a posição da França que torna a questão sumamente melindrosa. Embora ostensivamente promettesse guardar neutralidade na lucta entre os dois irmãos, tinha a republica a melhor garantia para o exito da sua politica na pessoa de Abdul-Aziz, o sultão reconhecido

pelas potencias e ligado pela sua assignatura ao tratado de Algeciras, á sombra do qual as tropas francezas estão occupando uma parte do imperio cherifiano. E' assim que a França ajudava pecuniariamente Abdul-Aziz, e lhe dava diplomaticamente os seus conselhos. Tambem militarmente, embora de uma maneira indirecta, o auxiliava, porque verdadeiro auxilio significava o combater as tribus inimigas do sultão.

De repente, porém, e quando a obra de pacificação parece que progredia, quando a organização da policia nos portos se ia adeantando, eis que a brusca entrada de Mulai Hafid em Fez ameaça tudo perturbar, fazendo perder á França o fructo dos sacrificios até agora feitos. Que vae acontecer? Para desde já é inevitavel o recrudescimento da guerra civil entre os dois sultões, a menos que um assassinato, tão commum nos lances da politica oriental, não venha supprimir um d'elles. E os aprestos d'esta guerra civil já se fazem. Abdul-Aziz acaba de dirigir um appello ás potencias para que estas o auxiliem como ao unico sultão reconhecido pela Europa, e lembra ao mesmo tempo que ellas lhe devem este soccorro visto que foi por



Abdul-Aziz



Mulai Hafid

querer introduzir as ideias e as reformas occidentaes no seu imperio, que os fanaticos orthodoxos o combatem, e que o triumpho de Mulai Hafid seria a victoria da barbarie sobre a civilização.

Ha uma parte de verdade nas razões que fundamentam o appello de Abdul-Aziz, embora a sua incapacidade administrativa e a sua incorrigivel inercia sejam tambem as responsaveis pela actual situação. Como vae, porém, a Europa responder a este pedido? A França teria, pelo seu proprio interesse, empenho em soccorrer o sultão de Rabat. Mas a resolução das potencias não depende só d'ella, tanto mais que no caso sujeito a Alemanha favorece o sultão de Fez e ha

Augusto Guimarães



Vice-consul de Portugal em Bahia Blanca (Republica Argentina)

Ao mesmo tempo jornalista e escriptor distincto, pintor premiado na Escola de Bellas Artes de França com um primeiro premio e conhecendo a fundo o commercio cujos segredos estudou na Inglaterra e na Allemanha, o sr. Augusto Guimarães, monarchico de coração e por herança, pois pertence a uma das melhores familias de Portugal, é um dos portuguezes que lá fora mais tem honrado a sua patria pelos seus dotes de caracter e de intelligencia.

O governo portuguez nomeou-o vice-consul em Bahia Blanca em 1900 e o Brasil, reconhecendo os meritos do nosso compatriota, encarregou-o tambem da sua representação.

de fazer todo o possivel para que elle triumphe. E' pois de reear n'um breve futuro o reconhecimento de Mulai Hafid, o que deve ainda mais complicar a questão, pois a esse reconhecimento responderão provavelmente os partidarios de Abdul-Aziz, vendo-se perdidos, com a guerra a todo o transe, que não pôde deixar de provocar a intervenção. E' esta a situação que a intransigencia da Allemanha persiste em manter no estado agudo.

Mas que quer afinal em toda esta questão marroquina o imperio allemão? Simples interesses commerciaes não são decerto os que a Allemanha ali defende, porque estes muito melhor protegidos estariam e sem encargos alguns para ella, pela França comprometida solemnemente a manter em Marrocos a politica da «porta aberta». Obter um porto na costa Atlantica do imperio cherifiano sabe Guilherme II que lhe é agora impossivel, dada a posição ultimamente tomada pela Inglaterra que a isso se opporia com todas as suas forças. Tentar separar da Inglaterra a França, levantando a esta ultima sempre novas difficuldades para a obrigar a optar pela amizade allemã, assim imposta á força, é tactica já experimentada e que em vez de produzir o resultado desejado, teve para o Kaiser consequencias diametralmente oppostas aos seus desejos, tornando cada vez mais solida a *entente cordiale*. Resta como ultima hypothese, para explicar a attitude da Allemanha, a intenção de se fazer valer para alcançar em troca da benevolencia em Marrocos compensações em outra qualquer parte. Mas onde e como? E' este o ponto difficil de estabelecer. Na China? Mas ali não é a França quem manda, é o Japão. Na America do Sul? Mas ali quem domina com a sua poderosa influencia, é a America.

Na Africa? Mas exactamente as unicas partes livres da Africa, onde a Allemanha poderia compensar-se, são Marrocos e Tripoli. No primeiro já dissemos que a Inglaterra não permittiria á Allemanha ali estabelecer-se. No segundo seria a Italia, que não lh'o consentiria. Falta considerar a Asia Menor, com o correspondente caminho de ferro de Bagdad. Mas aqui, se bem que talvez se podesse encontrar o terreno para uma conciliação, depara-se á Allemanha a opposição declarada da Inglaterra e da Russia, que não podem ver com bons olhos que o imperio germanico fique dominando a estrada commercial e estrategica do golpho Persico, em que sobretudo depois do accordo anglo-russo ambas as nações tem tão altos interesses.

Assim, sob qualquer aspecto por que a consideremos, a politica allemã a respeito da França é contraproducente. Cada dia afasta mais a possibilidade de um accordo sincero entre as duas nações. E cada vez contribue mais para se fechar em torno da Allemanha o circulo de desconfianças, que a continuarem as cousas por este modo, se converterá em colligação declarada. Parece impossivel que isto se não comprehenda em Berlim.

Com relação á lucta dos dois sultões em Marrocos, que é n'este momento o ultimo incidente que preoccupa a diplomacia europeia, só pode haver uma solução digna para as potencias — continuar a tratar com Abdul-Aziz, ligado pela sua assignatura ao tratado de Algeciras, e auxilia-lo contra o fanatismo mussulmano, já que esse fanatismo contra elle se levantou e o está ameaçando exactamente por causa do seu assentimento ás reformas. Mulai Hafid, quesequer que sejam por agora as promessas que faça, representa a guerra á civilização occidental e a lucta contra a influencia europeia no imperio.

N'estes termos não se comprehende como a Europa possa hesitar, e como tanto a França como a Hespanha declarem oficialmente que por fórma alguma querem intervir na guerra civil entre os dois sultões. O contrario é que ellas deviam declarar, já que as cousas chegaram a este ponto. E' na verdade singular que as potencias depois de terem compromettido Abdul-Aziz com os vassallos, que até ali lhe eram fieis, o abandonem agora com o pretexto especioso de conservarem a neutralidade!

CONSIGLIERI PEDROSO.



D. João da Camara

João da Camara eil-o no Tumulo!
O poeta, o crente, que a impiedade assusta,
Athleta insigne d'essa crença augusta,
Que no Calvario germinou da Cruz,
O sol da gloria, que fulgira esplendido
Um só momento e embrandecêra logo,
Era alma ardente de divino fogo,
Era astro bello fugitivo á luz...

Já não alteia a sua fronte pallida!
Gelado o peito nem sequer suspira...
Que o som extremo da quebrada lyra
Gemeu, sumiu-se na mansão da paz.
E de saudade, de ventura e mágoa
Ecco errabundo n'um concerto doce
Na lyra de ouro que estalou precoce,
Foi som de um hymno que expirou fugaz.

Visconde de S. Baventura.



Paysagens d'Africa



S. THOMÉ. — Um cocoeiro com fructo

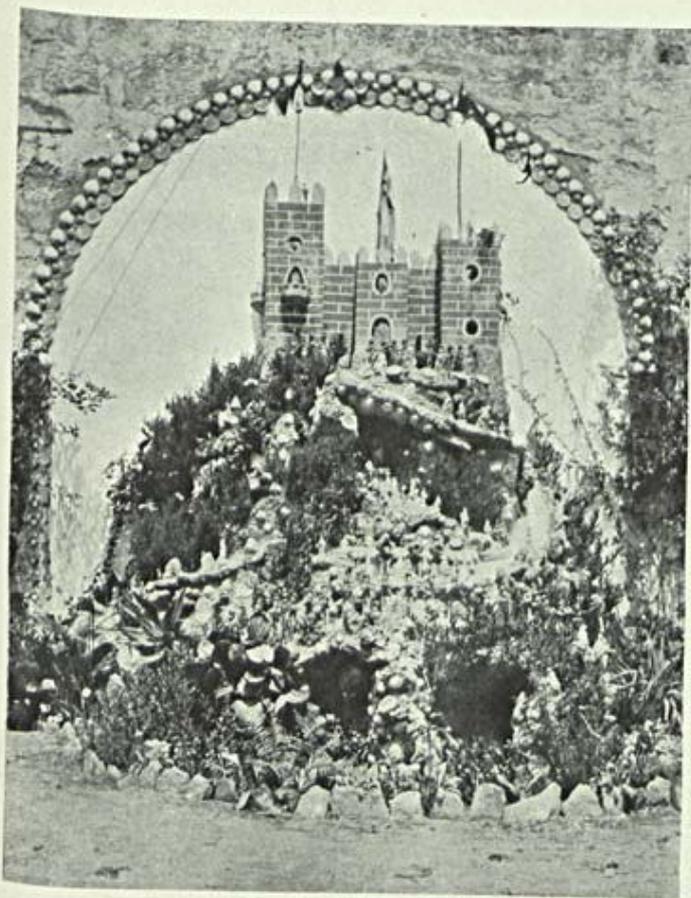
As festas de S. João no Porto



s tradições populares teem uma força irresistível e a acção que desenvolvem através da corrente dos tempos é de molde a salientar a ethnographia d'um paiz tradicionalissimo como é o nosso

Onde nos conduziria um aturado estudo do *fuklore* portuguez, onde nos poderia transportar a investigação das tradições nacionaes, se nós herdámos a feição sonhadora dos phenicios, dos suevos e dos arabes, se traduzimos o espirito dos hellenos e dos godos e até dos romanos conservamos o legado de tantas qualidades! Dadas estas condições de raça e esta revelação de origens, a festa do S. João é typica em Portugal, tanto na orla de praias onde se patenteia a expansão festiva e jubilosa dos povos da beira mar, como no campo onde nas populações ruraes se ostenta com todos os encantos da poesia bucolica esta celebração feita na epoca em que os prados estão em plena floração e o sol irradia com todo o seu esplendor.

A cidade do Porto renovou este anno a solemnisação ao S. João e veio reatar a corrente das tradições, que por diversos motivos



A cascata do Real Collegio dos Orfãos, no Porto

tenham passado obliteradas por um curto espaço, e renovou-as com brio, com entusiasmo e com um deslumbrante successo.

Aos cantares do povo juntou o esplendor das iluminações, do estronrear dos foguetes e as harmonias das bandas e philarmonicas; deu um espectáculo da parada agricola, fez celebrar uma missa campal, e acordou os echos das margens do Douro com os jubilos d'uma brilhantissima festa fluvial; mas em tudo isto não ficaram esquecidas as celebrações typicas do S. João, entre as quaes se destacam as cascatas.

A cascata é, no norte do paiz, o altar apropriado pelo povo nas celebrações que realisa ao ar livre. Formam-as os rapazes nas ruas, os collegiaes nos institutos, como as fariam os frades no claustro dos conventos e até as casas fidalgas no arruamento dos seus jardins.

Um monticulo de pedras, mais ou menos artisticamente disposto, um traçado de arruamentos pelo monte acima, um lago, um jogo d'aguas com o tradicional repuxo, muitas figuras de pastores, um castello, uma ermida, uns moinhos e azenhas; uma scenographia completa com conchas, arbustos e plantas decorativas, e tudo illuminado com varios processos de copinhos e balões venezianos.

Como este anno as festas do S. João, no Porto, ascenderam a maior brilho, era de prever que as cascatas, a parte mais tradicional, fosse esquecida: pois não foi, e houve as de complexa construcção e de variadissimas decorações. Para darmos uma ideia, apresenta a nossa gravura a formosa cascata que os alumnos do Real Collegio dos Orfãos teem no espaço do recreio escolar e que é interessante pela ornamentação de conchas e arbustos, pelos jogos d'aguas e variedade do figurado.

Vive este collegio do favor do publico, das esmolas e dos legados dos bemfeitores; mas como a administração que o governa é a camara municipal do Porto, os portuenses teem tido em menor conta os beneficos resultados da instituição que tem educado e protegido durante 257 annos tantos orfãos e elevado alguns aos mais distinctos cargos do estado e alta posição social. Esta falsa ideia de que o Collegio dos Orfãos vive á custa do orçamento municipal e não das esmolas e legados, seu unico elemento de receita, é que tem difficultado a vida de tão prestantissimo casa de educação.

Pois apesar de tudo isto, o bello edificio escolar, situado em um dos mais pittorescos sitios do Porto, não deixou de tomar parte nas festas; esteve engalanado com bandeiras, illuminado na noite em que houve a festa fluvial no rio Douro e expoz a bem delineada cascata, que hoje em gravura reproduzimos. Com as sollicitudes com que no Real Collegio dos Orfãos se prepara uma nova geração de alumnos tambem se conservam as tradições em que andam orientadas as festas populares ao precursor, a S. João Baptista.

PADRE F. PATRICIO.



Cosmopolitismo

Como é bella, meu Deus, a brasileira!
Que doçura! que mel! que singeleza!
E a franceza! Jesus! ai! a franceza!
Não pôde haver mulher mais feiticeira!

E a italiana então! Essa é a primeira!
A hespanhola, porém, tem mais nobreza!
E a gravidade da mulher ingleza?
E a allemã discreta e sobranceira?

E a circassiana, essa, que derrota
Com fama universal a mais bonita,
E que ao mais sabio faz ficar idiota?

E a hungara? a saxonia? a moscovita?...
Está dito! sou muito patriota,
Mas tenho o coração cosmopolita!

Arthur Azevedo.



LISBOA



Entrada do Museu Archeologico do Carmo

A frota de Cabral

.....
 Iam os navios de Cabral aparelhados e fornecidos do necessario para anno e meio de viagem, bem providos de artilheria, munições, pipas d'armas brancas, espadas e lanças, e uma botica em cada nau.

Para commerciareem ia coral em ramo e em fio; cobre, vermelhão, mercurio e ambar; pannos de lã grossos e finos; velludos, setins e damascos de todas as côres.

Levavam os padres um retabulo da Senhora da Piedade, orgão, paramentos e alfaías de prata.

Recebeu Cabral em 15 de fevereiro de 1500 a carta da capitania-mór e dos poderes de que ia revestido. N'essa carta é tratado por Pero Alvares de Gouveia, appellido de sua mãe D. Isabel de Gouveia.

Era a missão que tinha a desempenhar detalhadamente descripta no regimento de capitão-mór da frota que ia á India, regimento de que restam ainda dois fragmentos, um extenso, que se conserva na Torre do Tombo; e outro menor, uma pagina apenas, publicado em *fac-simile* na *Historia Geral do Brasil*.

Por esses dois fragmentos, que abrangem a parte principal, e pelas instruccões que, segundo Gaspar Correia, deu D. Manuel a Cabral, vê-se que o seu regimento era identico ao que depois levaram D. Francisco d'Almeida, Fernão Soares, e Diogo Lopes de Sequeira, ao irem á India.

A parte publicada é quasi exactamente correspondente a esses regimentos; a que está na Torre do Tombo tem a mesma disposição, os mesmos *itens*, a mesma forma precisa de determinar procedimentos, prevêr hypotheses, preceituar maneiras habeis e cautelosas, que aquelles documentos.

Reconstituindo-o assim, começava o regimento por ordenar os «Alardos de gente», relações para os adiantamentos e chamadas de que já falámos; depois recommendava a «Vigia do fogo», para que houvesse toda a vigilancia por causa dos incendios; em seguida estabelecia as «Regras dos mantimentos», a maneira de acautelar as «Chaves dos paioes dos mantimentos», as «Regras dos vinhos».

D'ahi passava ao «Caminho que fará em partindo», capitulo de que trata o fragmento publicado em *fac-simile* na *Historia Geral do Brasil* e que, por não vir completamente interpretado n'essa obra, reproduzimos aqui:

«Esta é a maneira que pareceu a Vasco da Gama que deve ter Pero d'Alvares em sua ida, prazendo a nosso senhor.

Primeiramente, antes que d'aquí parta, fazer mui bõa ordenança para se não perderem uns navios dos outros n'esta maneira.

A saber: cada vez que houverem de virar fará o capitão mór dois fogos e todos lhes responderão com outros dois cada um. E depois de lhe assim responderem todos virarão. E assim lhes terá dado de signal, que a um fogo será por seguir, tres por tirar moneta e quatro para amainar.

E nenhum virará, nem amainará, nem tirará moneta, sem que primeiro o capitão mór faça os ditos fogos e todos tenham respondido. Salvo se alguma das naus não soffrer tão bem a véla como a do capitão e a força do tempo lhe requiera que a tire. E depois que assim forem amainados, não guindará nenhum senão depois que o capitão mór fizer tres fogos e todos responderem, e mingando algum não guindarão, sómente andarão amainados até que venha o dia, porque não poderão tanto rolar as naus que no dia se não vejam.

Se os navios partindo d'esta costa se perderem uns dos outros com o tempo e que uns corram a um porto e outros a outro a maneira para se ajuntarem.

Se os navios partindo d'esta cidade, antes de atravessarem ás Canarias, os tome o tempo com que hajam de tornar, farão todo o possivel por todos tornarem a esta cidade, e se algum a não poder haver trabalhe-se quanto poder por tomar Setubal, e de onde quer que se achar vol-o fará saber logo aqui para lhe ser mandado o que faça.

E por este aparelhar, fará qualquer, que fôr desaparelhado, muitos fogos por tal que os outros navios vão a elle.

E não lhe fazendo de noite os ditos signaes alguns dos navios, nem no vendo pela manhã, vós fareis com todos os outros o vosso caminho direito á aguada de São Braz e ali, emquanto tomardes agua, vos poderá o dito navio encaixar e não vos encaixando partireis como fordes prestes, e deixar-lhe-eis ahi taes signaes por que saiba quando ali chegar que sois partido e vos siga.

Depois que em boa hora d'aqui partirem, farão seu caminho direito á ilha de Santiago e, se ao tempo que ahi chegarem, tiverem agua em bastança para quatro mezes, não devem pousar na dita ilha nem fazer nenhuma demora, sómente emquanto o tempo lhes servir á pópa fazerem seu caminho pelo sul, e se houverem de guinar seja sobre a banda de sudoeste. Se tomarem antes a ilha de S. Nicolau, no caso d'esta necessidade, pela barra da ilha de Santiago. E tanto que n'elles der o vento escasso devem ir na volta do mar, até metterem o cabo da Boa Esperança em leste franco, e d'ahi em diante navegarem segundo lhes servir o tempo e mais ganharem.

A NOITE DE S. JOÃO EM LISBOA



O ranchão da rua dos Cordoeiros, á Bica, junto ao chafariz do targo da Esperança, á 1 hora da madrugada
 (Cliché de A. C. Lima.)

porque como forem na dita paragem não lhes minguará tempo, com a ajuda de Nosso Senhor, que cobrem o dito cabo. E por esta maneira, lhe parece que a navegação será mais breve e os navios mais seguros do gusano e isso mesmo os mantimentos se tem melhor e a gente irá mais sã.

E se fôr caso, que Nosso Senhor não queira, que alguns d'estes navios se percam do capitão, deve-se ter de ló quanto poder para haver o cabo e ir-se á aguada de São Braz (... marcas d'onde se façam os caminhos para os navios que assim se perderem, e que isto se faça com mui boa pratica de todos os pilotos). E se fôr ahí primeiro que o capitão deve-se amainar mui bem e esperal-o, porque é necessario que o capitão mór vá ahí para tomar sua agua, para que d'ahí em diante não tenha que fazer com a terra, mas arredar-se d'ella até Moçambique por... da gente e não ter n'ella que fazer.

E se fôr caso que o capitão mór venha primeiro a esta aguada que o tal navio ou navios que se d'elle perder... »

Era no sul d'África a Angra de S. Braz. Interrompe-se aqui essa parte do regimento, ou talvez esse rascunho de uma parte do regimento, com as indicações nauticas dadas por Vasco da Gama, que acabava de percorrer o mesmo caminho, indicações destinadas a intercalar no regimento, onde havia detalhes meramente regulamentares, administrativos, politicos, etc.

Falta a parte relativa a Moçambique, e a Melinde onde haviam de ficar os pilotos mouros, e Cabral devia entregar presentes e cartas que levava para o rei.

Começa por estas palavras o fragmento existente na Torre do Tombo: «Jesus. Item tanto que, a Deus prazendo, partirdes de Angediva, ireis vossa via ancorar diante de Calecut, com vossas naus juntas e mettidas em grande ordem, assim de bem armadas, como de vossas bandeiras e estandartes, e as mais louçans que poderdes.»

Preceituavam as instruções a maior urbanidade. «Precisava-se de naus que encontrassem em Angediva estabeleciam o seguinte: «não fareis nenhum nojo, antes a salvareis e lhe mostrareis bom rosto e signal de paz e boa vontade, dando de comer e beber, e fazendo todo o outro bom tracto, a todos aquelles que ás ditas naus vierem».

Apparece synthetizado nas comunicações que Pedro Alvares Cabral devia fazer ao Samorim, acerca da maneira como estava disposto a proceder, a ideia primordial das descobertas, o proposito, que levava ao oriente os portugueses: «porquanto nós temos sabido que em sua cidade negociam mouros, inimigos da nossa santa fé, e a ella veem suas naus e mercadorias, com os quaes, assim pela obrigação que a isso deve ter todo o rei catholico, como porque a nós vem quasi por direita successão, pelo que miudamente lhe poderéis apontar das cousas da guerra d'além, nós temos continuada-

mente guerra... lhe fazei saber que se, com as naus dos ditos mouros de Meca topardes no mar, haveis de trabalhar quanto poderdes por as tomar, e de suas mercadorias e cousas, assim mouros que n'ellas vierem, vos aproveitar, como melhor poderdes, e lhe fazedes toda guerra e damno que possaes, como a pessoas com quem tanta inimidade e tão antiga temos; e tambem porque cumprimos com aquillo que a Deus nosso Senhor somos obrigados; porém, que seja certo que, em seu porto, e diante de sua cidade, posto que vós as topeis... lhes não fareis damno nem mal algum, e sómente lhes será assim feito topando-as no mar... que todos os indianos que n'ellas se acharem, e suas mercadorias e cousas não se fará nojo nem damno, antes toda a honra e bom tracto, e serão seguros d'isto para livremente, com todo o seu, serem deixados; porque sómente aos ditos mouros será feita a guerra, como a inimigos que são nossos; e que ainda nos praz que... porque n'isto cumpria o que deve como rei christão, os lançar de sua terra e não consentir mais que a ella venham nem commerciem».

São a demonstração official de que a ida ao oriente tinha por fim continuar esse duello de religiões, de civilizações, de raças, e que proseguia conscientemente a larga cruzada em que se empenhara Portugal, as explicações que Pedro Alvares Cabral devia dar ao Samorim.

Sobreleva, porém, ao intuito politico o economico.

Ao mesmo tempo que devia aconselhar o rei de Calecut a cumprir o seu dever religioso, porque ainda era considerado como christão, offereceria Portugal como o melhor freguez para a sua especia-ria.

Precisava o reino de lucros materiaes para continuar a guerra, e necessitava tambem fazel-o lucrar com a violenta mudança que lhe proponha.

Determinava-se isto no regimento de 1500.

Ainda em 1505 explicava o *Esmeraldo* «que se acharia tanto ouro com outras tão ricas mercadorias com que... se poderiam fazer guerra aos infieis inimigos da nossa santa fé catholica os reis d'estes reinos, do tempo de el-rei D. João de gloriosa memoria (D. João I) para cá, lhe fizeram sempre aspera guerra».

Levava Cabral portanto instruções para continuar contra os musulmanos a desapiadada lueta de ha tantos seculos; e para tratar os indios da melhor fórma possivel, procurando ligal-os pelo interesse, e chamal-os ao gremio da religião christã.

Eis a razão da sangrenta guerra travada com os arabes, n'essa época o povo mais temido, que atemorizava a Europa inteira, e ia obtendo contra ella successivos triumphos.

Determinava-se tambem que no regresso constituísse a frota duas divisões, uma com os navios veleiros e outra com os mais pe-

A NOITE DE S. JOÃO EM LISBOA



(Cliché de A. C. Lima). O rancho da Lapa, junto ao chafariz do largo da Esperança, á 1 hora da madrugada

LISBOA



No Aterro

sados, commandando o capitão-mór aquella a que seu navio pertencesse, e assumindo Sancho de Toar o commando da outra, excepto se fossem de equal velocidade os navios de ambos, porque então viriam juntos, sendo nomeado para a outra divisão novo capitão.

Está tudo preparado, organizado, determinado para a partida.

Prompta a armada dirigiu-se Pedro Alvares Cabral, com toda a gente ricamente vestida, sob o commando dos capitães ao som das trombetas, ao paço da Alcaçova a despedir-se de el-rei e da rainha.

Atravessou festivamente a cidade o vistoso cortejo acompanhado de grande multidão, e foi ao Caes da Ribeira embarcar nos bateis enfeitados de bandeiras multicores. Salvaram as naus, alegremente embandeiradas, despedindo-se de Lisboa, e desceram o rio indo ancorar em Belem.

Houve no dia seguinte na ermida do Restello missa de pontifical, a que assistiu toda a corte, tendo D. Manuel a seu lado na tribuna Pedro Alvares Cabral.

Préou D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta e depois de Vizeu, um dos da junta dos astrónomos de D. João II, tomando para assumpto a grande empreza que a frota ia desempenhar, e os feitos gloriosos dos antepassados dos capitães. Terminou exhortando-os a que se encomendassem a Nossa Senhora para que os guiasse a salvamento, afastando-lhes os perigos do mar.

Finda a oração, benzeu o bispo o estandarte real, arvorado no altar-mór, e entregou-o o rei solennemente a Cabral.

Então saíram da egreja, a bandeira á frente levada pelo alferes, os frades com cruces e reliquias cantando orações, n'uma imponente procissão, acompanhados pelo rei até á praia, onde o capitão-mór e os outros capitães se despediram, beijando-lhe a mão.

Regorgitavam de povo os campos e o areal, e o rio estava coadilhado de embarcações.

Ao apparato brilhante da frota correspondiam os bateis ostentando colchas, flamulas, bandeiras com as divisas dos fidalgos.

Não se ouviam já os choros, os lamentos, os murmúrios da partida de Vasco da Gama. Atroavam os ares festivamente sistros, gaitas, atabaques, tambores, flautas, pandeiros e trombetas.

E assim se fez de véla, acompanhada pelo rei até á barra, a frota de Cabral, que reconheceu oficialmente o Brasil e marcou na historia a época do seu inicio na civilisação; a que, no elegante dizer do chronista João de Barros, era «a mais formosa e poderosa armada que até áquelle tempo para tão longe d'estes reinos partira».

De A Descoberta do Brasil

FAUSTINO DA FONSECA.

Tres soccos á portugueza



ORRIA o anno de 1166, e os senhores de pendão e caldeira lançavam pelas suas privilegiadas terras o bando para se reunirem todos os vassallos.

Pelas estradas, caminhavam innumerous cavalleiros cobertos com os seus arnezes e brilhantes armaduras, seguidos pelos bésteiros e uma infinidade de peões armados de piques.

D. Alfonso Henriques havia declarado guerra ao rei mouro de Badajoz e aguardava com parte do seu pequeno mas invencivel exercito a chegada do resto da gente, com a qual devia atacar Cezimbra. Um esforçado cavalleiro portuguez, Pero Moniz, irmão do heroico Martim Moniz, aquelle que sacrificou a

vida na tomada de Lisboa, atravessando-se na porta que os mouros em vão tentavam fechar, dando occasião a que os portuguezes entrassem pela cidade e a conquistassem, Pero Moniz, dizemos, fóra mandado como arauto declarar guerra ao orgulhoso sarraceno que

governava Badajoz, Cezimbra e outras povoações importantes. Era um homem de elevada estatura, com musculos de aço, que tinha exposto a vida em diversos combates e cuja coragem nunca fóra desmentida; emfim, era um d'aquelles lendarios heroes como havia tantos em Portugal n'aquelles inolvidaveis tempos.

Pero Moniz apresentou-se ás portas da cidade, armado de ponto em branco, levando no peito as armas de Alfonso Henriques e tocou a trombeta que trazia á bandoleira. Abaixou-se a ponte levadiça e o arauto foi introduzido á presença do sarraceno. Este era um mouro de má catadura, alto, fornido de carnes, e cujas crueldades praticadas com os christãos tinham dado occasião a que o rei luso lhe declarasse guerra.

O infiel apresentou-se rodeado do seu sequito, tendo ao pé de si um gigantesco mouro que olhava com frio desdém o arauto portuguez.

Este deu alguns passos e disse em voz alta. «Eu, Pero Moniz, cavalleiro ao serviço do muito alto e valoroso rei Alfonso Henriques, venho, em seu nome, declarar-te guerra a ti, rei mouro e infiel de Badajoz, pelas depredações e crueldades que tens praticado com os christãos. Manda-te dizer o meu rei que não descansará enquanto não te expulsar vergonhosamente dos territorios que usurpaste, dando-te assim o castigo merecido pelos teus crimes.» E atirou com o guante aos pés do infiel.

O mouro agigantado levantou-se, apanhou o guante, olhou outra vez desdenhosamente o cavalleiro portuguez, deu tambem um passo á frente e disse: «Pero Moniz, dizei ao vosso reininho aventureiro, que o muito poderoso Albeimar, rei de Badajoz, por permissão de Allah e Mahomet, o seu propheta, em breve lhe dará o castigo do seu atrevimento». E virou desdenhosamente as costas ao cavalleiro. Este empallideceu de raiva, fez uma leve cortezia ao rei mouro e disse-lhe: «Está cumprida a minha missão.» O rei retirou-se, indicando ao mouro agigantado o cavalleiro portuguez, como que ordenando que o acompanhasse.

O mouro obedeceu, olhando sempre o cavalleiro com aquelle ar desdenhoso, a quem sabido que foi fóra do alcacer, se dirigiu insolentemente «Se os homens que o rei nazareno tem a seu serviço são tão fortes e valentes como tu, melhor fóra que lhes mandasse remendar pellotes, em lugar de os levar á presença d'aquelles que não temem medir-se com quem quer que seja...»

O portuguez não o deixou terminar; assentou-lhe tres tão grandes, tão formidaveis murros, que o prostou por terra atordoado. «Eis aqui a resposta, fica-te com ella, perro!»

E caminhou ávante, imperturbavel, como se nada tivéra acontecido.

Ao outro dia o rei de Badajoz reunia as suas hostes e ia soccorrer Cezimbra. Não sabia, porém, que em caminho o observava o valente rei lusitano, occulto por detraz de uns rochedos, apenas acompanhado de sessenta cavalleiros, no numero dos quaes estava Pero Moniz.

Não soffreu a paciencia ao valoroso Alfonso Henriques demorar mais tempo o combate, e sem esperar outros reforços, atirou-se de lança em riste sobre os inimigos, os quaes derrubou completamente, sendo o primeiro a fugir á redea solta o tal mouro agigantado, a quem Pero Moniz chamava em altos brados, convidando-o a esperar outros tres soccos, e o segundo, o rei de Badajoz, que nem chegou a vêr a conclusão do combate.

N'este mesmo dia D. Alfonso Henriques apoderava-se de Cezimbra.

PORTO



O pateo da Sé Cathedral

Palestras sobre Astronomia

LIVRO I

A Terra, o Planeta que habitamos

I

Movimentos da Terra. Diferenças das horas d'uns logares para os outros.
Dia sideral. Ponto vernal. Dia solar

I



amos hoje começar com um estudo verdadeiramente científico, mas científico de modo que todas as inteligências o percebam.

O assumpto de que nos vamos occupar é um assumpto bello e interessante; comprehende a Sciencia que tem sido cultivada ha mais tempo: a Astronomia.

Sem nos demorarmos em delongas desnecessarias, começaremos, desde já, o estudo verdadeiramente astronomico dos diferentes corpos celestes, tratando primeiramente do astro que habitamos, a Terra, um Planeta que gira em torno do Sol em 365^d 5^h 48^m 47^s.

Começaremos pela Terra porque, antes de visitar as outras provincias da Republica Solar, é necessario que conheçamos a nossa.

A Terra é, como a Lua, Marte, Jupiter, um corpo celeste, em tudo semelhante a elles, recebendo vida e luz do mesmo foco central. E' um corpo que pertence á categoria dos Planetas, astros errantes, que são luminosos unica e simplesmente porque recebem a luz do Sol. Gira em torno do astro central, ao longo d'uma orbita traçada á distancia média de 148 milhões de kilometros, para percorrer a qual gasta 365^d 5^h 48^m 47^s, como já dissemos mais acima. Temos, pois, aqui um 1.º movimento de Terra, o de translação. Em Mechanica dá-se o nome de *movimento de translação* áquelle em que o corpo se desloca paralelamente a si mesmo; porém não é isto o que verdadeiramente succede com a Terra, como mais adeante veremos. Este movimento de translação do nosso globo em torno do Sol dá como resultado os annos. As estações derivam d'outra circumstancia: o eixo da Terra não é perpendicular ao plano da sua orbita nem está n'elle collocado. O Equador terrestre faz com o plano d'essa orbita, plano que se chama *Ecliptica*, um angulo de 23° 27', chamado *Obliquidade da Ecliptica*; este angulo é que dá em resultado a successão das estações. Durante o seu trajecto em torno do Sol, a Terra vae tendo sempre os dias desiguales. Quando a Terra está mais proxima do Sol (22 de dezembro) é o dia mais pequeno do anno, e esse ponto chama-se *perihelio* ou *solsticio de inverno*; d'ahi para o futuro, os dias vão crescendo, até que em 21 de março é o dia igual á noite e a terra está então no *equinoxio da primavera*; os dias continuam a crescer até que em 21 de junho, dia maior do anno, a Terra está mais longe do Sol e diz-se então que está no *aphelio* ou *solsticio de verão*; depois começam os dias a diminuir até 22 de setembro, em que o dia é igual á noite e diz-se então que a Terra está no *equinoxio do outomno*; depois continuam a diminuir até 22 de dezembro e assim successivamente.

A terra tem tambem um segundo movimento em torno do seu eixo, movimento que dá em resultado a successão dos dias e das noites e que se effectua em 23^h 56^m 4^s. Esse movimento chamado *movimento de rotação*, executa-se de occidente para oriente, o que faz, portanto, com que, na apparencia o Céu se mova de Oriente para Occidente; foi este movimento que fez com que os antigos suppozessesem a terra fixa no Espaço e que o Sol, as Estrellas e os Planetas girassem em torno d'ella. Assim como o movimento de translação se executa á razão de 29 kilometros e por segundo, 106.000 kilometros por hora e 2.544.000 kilometros por dia, assim tambem o movimento de rotação se executa á razão de 1.665 kilometros por hora.

São estes dois movimentos os unicos que são percebidos facilmente, pois são tambem os que se executam em menos tempo. Contudo a Terra tem ainda mais movimentos e vamos passar a occupar-nos dos principaes.

Temos um terceiro movimento que já fizemos entrevêr, quando tratámos do movimento de translação. Com effeito, dissemos que o eixo da Terra não se conservava paralelo a si mesmo; de facto

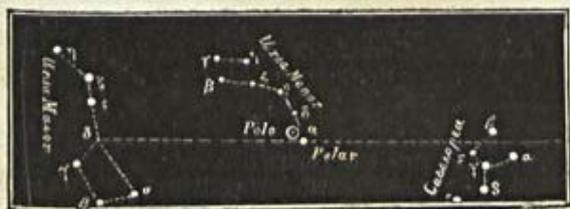


FIGURA 1

... o polo que agora é marcado na Esphera Celeste pela Estrella Polar ...

esse eixo descreve no Céu uma pequena circumferencia que se completa em 258 seculos. Em virtude d'esse movimento, o pólo (que é agora marcado na esphera Celeste pela Estrella Polar, pertencente á constellação da Ursa Menor, (fig. 1) e que é o ponto em que o eixo da Terra prolongado encontra essa Esphera, o pólo não é sempre marcado pela mesma Estrella mas vae variando tão lentamente como acabamos de indicar, que a Estrella, que nós agora chamamos *polar*, só o tornará a ser d'aqui a 258 seculos. D'aqui a 12.000 annos será a Estrella Wega da constellação Lyra, quem marcará o lugar do pólo assim como já o foi ha 14.000 annos. Temos pois outro movimento, denominado *precessão dos equinoxios*, e que leva 26.000 annos a executar-se.

Um quarto movimento, devido á acção da Lua, faz com que a Terra soffra uma deslocação mensal no Espaço, que produz o que se denomina *desigualdade parallatica do Sol*. Com effeito, o que gira á roda do Sol é o centro de gravidade do systema Terra e Lua e esse centro está á distancia de 1.700 kilometros abaixo da superficie da Terra.

Um quinto movimento, tambem devido á acção da Lua, movimento denominado *nutação*, faz descrever ao eixo da Terra pequenas ellipses que se completam em 18 annos.

O angulo, que o eixo da Terra faz com o plano da sua orbita, não é sempre o mesmo. Temos aqui um sexto movimento chamado *variação da obliquidade da Ecliptica*.

O nosso Planeta não descreve em torno do Sol uma circumferencia perfeita mas sim uma ellipse, de que o Sol occupa um dos focos. Essa ellipse tem uma excentricidade que varia de seculo para seculo, de modo que temos um setimo movimento, chamado *variação da excentricidade*.

O perihelio tambem varia de lugar, executando um movimento que se effectua em 210 seculos; é um oitavo movimento, chamado *variação secular do perihelio*.

Os astros actuam todos uns sobre os outros na razão directa das massas e na inversa dos quadrados das distancias; temos um nono movimento originado por perturbações planetarias, sobretudo as de Venus e Jupiter.

Finalmente um decimo movimento arrasta o Systema Solar, através dos Céus, para o ponto onde agora se encontra a constellação de Hercules. Descobriu-se que era para esse ponto que elle se dirigia porque as distancias angulares d'essas Estrellas vão augmentando, ao passo que as das outras vão diminuindo. (Fig. 2).

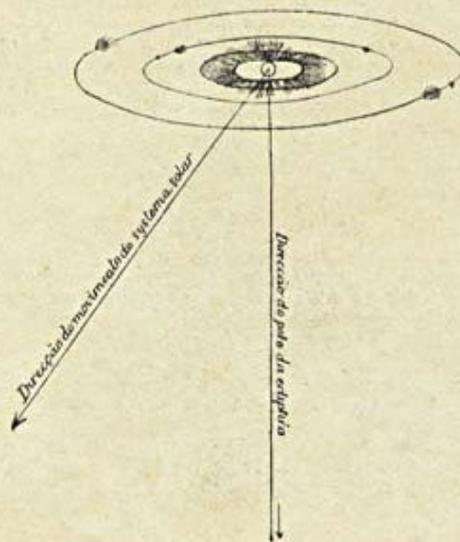


FIGURA 2

Finalmente um decimo movimento arrasta o systema solar, através dos ceus ...

Depois de termos examinado rapidamente todos os dez movimentos principaes da Terra, vamos entrar n'outro assumpto que tambem não deixa de ser interessante e que trata das differenças das horas d'uns logares para os outros.

Esta differença provém do movimento de rotação da Terra em torno do seu eixo. Já dissemos que esse movimento se executava 23^h 56^m 4^s e é elle que origina a successão dos dias e das noites, facto que nos impressiona desde a nossa infancia.

Antes porém de entrarmos no estudo das horas e da sua differença d'uns logares para outros, vamos dar algumas noções sobre *tempo*, que julgamos indispensaveis.

Dia sideral é o tempo que decorre entre duas passagens successivas do *ponto vernal* pelo Meridiano.

Que vem a ser o *ponto vernal*?

A Terra descreve em torno do Sol uma ellipse, cujo plano se chama, como já dissemos, *Ecliptica*. Apparentemente parece que é o Sol que anda á roda da Terra descrevendo a mesma ellipse.

O ponto, pelo qual passa o Sol, no seu movimento aparente em torno da Terra, ponto situado no Equador, quando o sol *sobe* do hemisphério austral para o hemisphério boreal, é que é chamado *ponto vernal*.

Dia solar é o intervalo de tempo que decorre entre duas passagens do Sol pelo Meridiano.

E' facil de ver que este dia não tem sempre a mesma duração. Com effeito, supponhamos a orbita da Terra e duas posições *T* e *T'* do nosso globo com 1 dia de intervalo, ou uma rotação completa em torno do seu eixo. (Fig. 3) Supponhamos que o Sol passa a uma

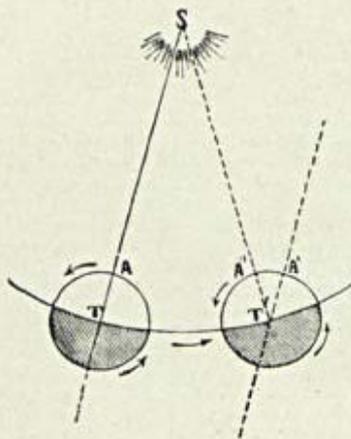


FIGURA 3

Diferença entre o dia solar e o tempo de rotação da terra

certa hora pelo Meridiano d'um lugar *A*, como a Terra gira em torno do Sol, passadas 24 horas, o lugar *A* estará em *A'* e precisa a Terra de andar mais um pouco para que o Sol passe de novo pelo Meridiano do mesmo lugar, o que só acontecerá quando o lugar estiver em *A''*.

Posto isto, vamos passar ao estudo das horas. Quando o Sol passa no Meridiano d'um lugar, diz-se que é *meio-dia* para esse lugar. Ora as horas não são as mesmas para todos os lugares da Terra. A hora de Lisboa, por exemplo, não é a mesma que a hora de Paris, que a hora de Londres ou que a hora de Berlim. E', porém, facil fazer o cálculo da hora para um dado lugar, quando se conhece a hora n'outro, cuja longitude em relação ao primeiro seja conhecida. Basta, para isso, saber que 15° correspondem a 1 hora; 15' correspondem a 1 minuto e 15'' correspondem a 1 segundo.

Sete-Rios, 1908.

Afonso de Castilho.

Da Sociedade Astronómica de França.

Economia social

GRANDES ENERGIAS ECONOMICAS

A ALLEMANHA

(Continuado do n.º 227)



Devemos assignalar ainda uma circumstancia importantissima, que a Allemanha tem perfeitamente comprehendido, e é que o commercio em geral e o de exportação em particular não se pôde fazer sem grandes capitães, o que mais uma vez explica a impossibilidade de exercel-o por sua conta o fabricante ou o agricultor.

A este respeito me pronunciei no Congresso Brasileiro de expansão economica, apresentado exemplos de paizes por mim visitados e estudados, assumpto este de summa relevancia para um paiz novo como o nosso, onde as instituições de credito ainda não estão implantadas regularmente nem tampouco as admiraveis associações economicas de cooperativas e mutualidades.

O systema de conceder creditos constitue meio excellent e regular de fiscalização e constante vigilancia sobre a clientela do interior e do exterior, a qual, em geral, não pôde ser exercida com proveito, para a clientela de além-mar, senão por meio de representantes installados no paiz. Este serve igualmente para attender a reclamações que só tarde e difficilmente seriam resolvidas por meio de cartas.

Por este modo o commercio allemão conta, nos paizes mais longinquo, grandissimo numero de representantes. Quasi todas as grandes firmas de commissarios exportadores tem filiaes nos lugares para onde exportam, e concedem aos seus clientes creditos e prazos muito maiores que as outras nações, talvez mesmo mais que

a Inglaterra, que sempre foi a mais generosa e conliante no seu commercio internacional, o que constituia, com a superioridade da mercadoria, o verdadeiro segredo da sua grandeza commercial.

O brilhante economista Paulo de Rouders perguntára uma vez a um hamburguez qual o segredo da fortuna tão rapida e colossal do grande porto allemão. Foi-lhe respondido que n'aquelle grande emporio commercial, como em todo o Imperio em geral, o dinheiro era

A festa do Coração de Jesus



Junto á igreja da Estrella. — Um grupo de meninas aguardando a chegada d'El-Rei o Senhor D. Manuel

conliante. Os bancos eram os melhores protectores do commercio. Não ha grande empresa ou negocio algum que não tenha atraz de si um *consortium* de bancos, e para isso tem-se feito alli por assim dizer a *educação do capital*, como na Inglaterra.

Os allemães e os inglezes encontram facilmente o credito necessario para realizar as suas operações a longos prazos, o que não se dá na França onde o commercio não gosa d'essa grande vantagem e as suas operações se regulam quando muito a noventa dias de vista. Esta circumstancia constitue forçosamente uma inferioridade para o commercio francez, deixando-se distanciar cada vez mais pelos seus poderosos rivães, apparelhados com melhores meios de expansão, com mais audacia e conliancia, tendo em vista aquelle proverbio: — quem não arrisca, não perde nem ganha.

Com effeito, hoje já são bem poucos os industriaes que trabalham com os proprios recursos. A maior parte das empresas actuaes necessitam de capitães consideraveis, sempre disponiveis, cujo reembolso não seja exigido em um praso muito curto, e n'este



A festa do Coração de Jesus. — El-Rei sahindo da igreja da Estrella (Clichs de Benoliel).

sentido os bancos devem naturalmente representar um papel de protectores da industria e do commercio.

Sobrada razão tinha o economista portuguez Anselmo de Andrade, quando dizia que o unico meio de facilitar o accesso do dinheiro ao trabalho, alimentando assim a actividade dos negocios, é augmentar por uma nova organização economica e financeira os capitães circulantes.

Como ponto de partida para esta grande solução, seria neces-

Visita de El-Rei á Escola Polytechnica



El-Rei visitando o edificio



O Senhor D. Manuel no observatorio D. Luiz

(Cliché de Benoit).

sario começar-se por dar vida e movimento a todos os capitaes inertes do paiz, e a todas as actividades existentes nos grandes centros e nas pequenas localidades — approximar quanto possivel das populações os estabelecimentos de credito — e pô-los finalmente em circumstancias de apreciarem o valor, a probidade e as necessidades de todos.

Assim se trariam para a circulação, não só os valores materiaes inertes, mas tambem, os valores moraes, — conceitos estes perfeitamente adaptaveis ás actuaes condições do nosso Brasil.

As instituições de credito teem tamanha importancia como factor da riqueza publica e privada, que, não só na Allemanha como em quasi todos os paizes civilizados, os mesmos industriaes e agricultores mantem com os seus proprios recursos e economias os numerosos bancos ruraes e caixas cooperativas, que tão grandes e beneficos serviços vão prestando ás classes laboriosas, ao passo que lhes incutem cada vez mais a ideia de economia e o principio da mutualidade e da cooperação, como tive occasião de verificar n'aquelle Imperio e igualmente na Italia, na Belgica e na França que possuem organizações e instituições admiraveis n'este sentido.

Justamente o primeiro trabalho serio que me tocou copiar, apenas chegado ao meu primeiro posto em Berlim, foi uma excellente monographia sobre as sociedades cooperativas de Schultz Delitzche escripta pelo meu illustre chefe, o fallecido Barão de Jaurú, então Ministro do Brasil na Allemanha.

Felizmente já se reconheceu tambem no Brasil que as cooperativas agricolas são hoje, em todos os paizes cultos, um dos mais efficazes recursos das classes ruraes. Suas vantagens enormes, ainda nos periodos de prosperidade das classes productoras, avolumam-se e impõem-n'as como condições de vida d'essas classes, nas épocas de crise em que os productos se desvalorizam.

Por intermedio d'ellas, os productores apuram maior interesse na venda de seus generos, em virtude da grande redução de despesas e de commissões que aos poucos e progres-

sivamente os vão sobre-carregando e muitos generos que são inventaveis por meio do commercio intermediario, por não deixarem lucro ao agricultor, são collocados pelas cooperativas em condições remuneradoras e tornam-se assim outras tantas fontes de receita. Dest'arte ellas amparam o lavrador em suas crises e, não raro, dão-lhe o bem estar e e fortuna.

O nosso meio agrario até ultimamente resentia-se d'esse mecanismo tão essencial.

Convencidos da necessidade e urgencia de preencher tão lamentavel lacuna, a Sociedade Nacional de Agricultura e o Syndicato Central dos Agricultores do Brasil resolveram promover a fundação de uma Sociedade cooperativa d'esse genero, com séde na cidade do Rio de Janeiro, estendendo suas operações a todo o paiz.

Sob o titulo de Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, essa associação de caracter profissional realizará, sob o regimen da mutualidade, a venda dos productos agricolas consignados por seus socios, e a compra, por conta d'estes, dos generos necessarios á vida rural.

Sabemos que para esse fim acabam de organizar-se entre nós as bases d'essa associação e o projecto do seu respectivo estatuto, e estamos plenamente convencidos de que a implantação definitiva de tão util instituição cooperativa prestará aos variados ramos da produção agricola os mais assignalados serviços.

Rendamos desde já a devida e merecida justiça aos benemeritos brasileiros que n'este momento estão patrioticamente pugnando para implantarem essas utilissimas instituições, sobresahindo entre os mais esforçados paladinos o illustre Dr. Alfredo Rocha, que tão intelligente campanha empreendeu a esse respeito no nosso primeiro Congresso de Expansão Economica e nas columnas do illustrado decano da nossa imprensa diaria.

Tampouco, devemos esquecer, que n'esse louvavel empenho, o Dr. Rocha havia sido já precedido muitos annos antes, e com auctoridade, pelo venerando barão de Paranapiacaba, tão mavioso poeta quanto sociologo abalizado.

Em que reside, entretanto, o grande segredo de tão surprehendente progresso do Imperio allemão?

A nosso ver, trez são as causas principaes de sua grandeza:

Festa academica no Velodromo



Os detentores da taça: — Cunha Lisboa, Guerra, Walter Awata, dr. Mauperrin Santos, Dario Cannas e Herculano Migueis



Um aspecto do Velodromo. — Os alumnos dos lyceus (Cliché de Benoit).



Festa academica no Velodromo. — Exercícios de gymnastica sueca pelos alumnos do lyceu do Carmo
(Cliché de Benolle).

admiravel e fecundante iniciativa, numeros meios e agentes de expansão, e, sobretudo, a nova orientação do ensino, que veio nobilitar as profissões technicas e commerciaes.

Em nossa obra anterior sobre expansão economica mundial diziamos ter ouvido muitas vezes repetir que a França, em 1870, foi vencida mais pelos mestres de escola allemães, que pelos exercitos do rei Guilherme. Talvez por isso, Emilio Zola disse que a França seria o que o professor de primeiras letras a fizesse, tomando esta predição como epigraphe de seu livro «Vérité». Com effeito, é preciso reconhecer como nós, que acabamos de estudá-la de perto, que uma França nova e retemperada está sahindo das mãos do mestre de escola.

Ha mais de 30 annos já o meu saudoso pae, Dr. João Manoel da Cunha, dizia em um relatorio sobre a instrução publica, que — «o mestre de escola, da obscuridade recondito de sua carteira, rendeu Metz, depois de ter vencido Sadowa; saltou gigante por sobre os invenciveis exercitos de Iena, para arrebatara a espada de Napoleão; os mestres de escola, com os bicos de suas pennas, acabam de mudar a carta da Europa».

E como não ha de ser assim, tratando se de uma nação, cujo pensamento elevado, cuja idéa fixa foi sempre a instrução intellectual e a educação civica do povo!

Não foi, porventura, decretada a fundação da universidade de Berlim deante mesmo dos olhos e dos canhões dos regimentos napoleonicos, que occupavam a capital prussiana?

«Foi-se-nos, disse o rei Frederico Guilherme, parte do nosso territorio, o Estado perdeu a sua força e o seu esplendor exteriores. Tanto maior razão para desenvolvermos nossas forças e nossa gloria intellectuaes. Para este effeito, quero que se faça tudo quanto for estender e aperfeçoar o ensino do povo. Trata-se, declarava o monarcha, de aperceber forças para o futuro combate; e para isso é mister augmentar pela instrução a energia de resistencia das almas allemãs, na proporção directa da oppressão que as afflige.»

Ora, o futuro foi testemunha de que a instrução e as reformas educativas do governo da Prússia continham em si as victórias marciaes de Guilherme I da Allemanha, realizando-se assim a prophécia de Cobden, muitos annos antes de Sédan, quando, ao apontar os prussianos como os *Yankees europeus*, augurava, pela sua instrução, que a «Prússia havia de ser a mais poderosa das nações europeas, por ter abraçado em ampla extensão, ainda que sob fórma diversa, o systema dominante nos Estados-Unidos, de assegurar ao povo inteiro uma sã educação».

Uma das mais illustres notabilidades da Europa em materia de ensino, Mr. Baudouin, depois de haver percorrido, em commissão do governo francez, a Belgica, a Allemanha e a Suissa, para ahí estudar as instituições de ensino especial e ensino primario, resumia as suas observações, terminando o seu relatorio, com esta conclusão: «E' factio, de ora em deante inconcusso, que a Suissa, hoje tão calma e prospera, não chegou a tal estado, senão porque, ha trinta annos, se tem occupado incessantemente em melhorar e aperfeçoar o seu systema de ensino publico, adoptando as innovações excellentes do povo allemão, um tanto sonhador, se quizerem, mas que se tem mostrado mais razoavel, á medida que se va tornando mais instruido... A Allemanha, que encetára primeiro o caminho das reformas escolares, que primeiro transformára em escolas publicas e gratuitas os numerosos mosteiros que cobriam o seu territorio, colhia, ha-

via muito, os fructos de uma iniciativa tão acertada quanto audaz. Nas sciencias, na litteratura, nas artes, dentro em pouco assumiu uma posição eminente entre os povos mais adiantados. Rapido impulso adquiriu a agricultura, a exploração das minas, a industria, o commercio, e hoje não podemos estudar attentamente o movimento e a riqueza das suas grandes regiões industriaes, Leipsik, Hamburgo, Elbelferd, Bremen, Crefeld, etc., sem nos sentirmos impressionados pela relação existente, no paiz, entre a propagação do ensino e o desenvolvimento da riqueza publica.

Nem foi sómente na adversidade e no meio de uma terrivel catastrophe para a integridade do reino, que a Prússia cogitou de impulsar a instrução, levando-a até ás ultimas camadas sociaes. A Allemanha não dormiu sobre os louros da victoria de 1870, e os seus estadistas e todas as classes pensantes redobram o empenho em diffundir por todo o vasto imperio o ensino popular, reconhecendo n'elle o genio e a causa efficiente da reconstrução da patria depois da estrondosa victoria de Sédan.

De sorte que, todos os dias, vemos crescer e avultar imponentemente as dotações orçamentarias das suas Universidades, as despesas com a instituição de novos cursos, a criação de novos laboratorios e o engrandecimento do ensino primario, medio e superior.

Basta dizer que Münster, cidade de terceira ordem do imperio, e que não conta mais de 80:000 habitantes, tem os seguintes estabelecimentos de ensino: a Universidade, o Seminario catholico, três Gymnasios, o Real, o da cidade e o de preparatorios; duas escolas de litteratura para meninas; a Escola Normal do sexo feminino, um Instituto para a educação das moças que desejem obter o diploma de directora da Escola Normal; muitas escolas primarias, frequentadas por mais de 9:000 alumnos de ambos os sexos; 12 jardins de infancia (*Kindergarten*) para crianças menores de sete annos, com quasi 3:000 discipulos; a Escola de Architectura; a de Commercio; de Artesãos. Além d'isso, ha a Escola de desenho, o Conservatorio de Musica, e uma escola especial para linguas. Poderia, pois, a cidade de Münster servir de modelo, porquanto educa mais de 16:000 alumnos, ou 21 por 1:000 da sua população.

Um americano, Mr. Frank V. Tompson, visitando ultimamente as escolas de commercio da Europa, ficou surprehendido com a grande quantidade d'esses estabelecimentos que existem na Allemanha e na Suissa. Ainda as mais pequenas cidades de escassa importancia têm a sua escola de commercio. A Allemanha, porém, vem na frente, e supera a Austria, a França e a Inglaterra, sobretudo esta grande potencia insular, que ainda carece destas utilissimas instituições, pelo que se vê invadida todos os annos por um exercito de caixeiros-viajantes e empregados de commercio allemães e suissos, já familiarizados com a sciencia da contabilidade.

A verdadeira orientação do ensino moderno foi incontestavelmente dada pelas principaes nações do norte da Europa; a Allemanha e os paizes scandinavos nobilitaram as profissões technicas e commerciaes, destruindo os velhos prejuizos sem razão de ser. Para isso multiplicaram-se as escolas e institutos commerciaes, quer officiaes, quer particulares ou subvencionados.

Ainda ultimamente, a Corporação dos Negociantes Berlinenses

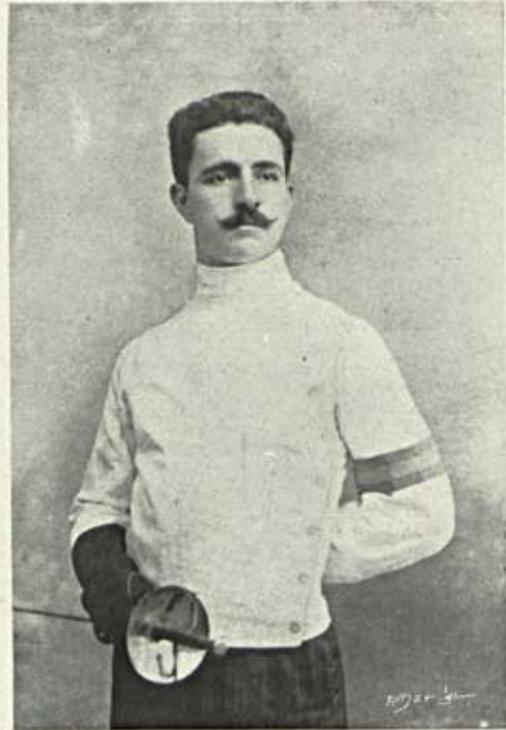
Semana d'armas



O mestre d'armas portuguez
Antonio Martins

(Cliché de Bolsien — Paris).

Director tecnico do Centro de Esgrima, principal organisador da Semana d'Armas, que tanto brilho teve e veio reflectir no alto sport de Lisboa. Dos vinte sete esgrimistas que tomaram parte nas differentes provas da Semana, vinte eram discipulos de Martins, e conseguiram tomar parte na poule final, apenas alguns d'entre estes, o que bastará para vincar o enorme valor d'este mestre d'armas.



O mestre d'armas hespanhol
Angel Bancho

(Cliché de Real — Madrid).

Notavel profissional de Madrid, que veio a Lisboa tomar parte nos juris das provas, e que, tanto em sessões particulares como, depois, no sarão que para distribuição dos premios se realisou no Centro Nacional de Esgrima, tão notavel se tornou em assaltos ao sabre com Eduardo Ferreira de Castro, ao florete com o tenente Alvaes Pereira e alferes Sado, e á espada com o dr. Antonio Osorio.



O mestre d'armas portuguez
Carlos Gonçalves

(Cliché J. Fernandes).

Distincto profissional, discipulo de Antonio Martins, e hoje um dos seus principaes ajudantes no Centro d'Esgrima, que este anno ganhou pela segunda vez, a Taça Penha Longa, disputada por amadores e profissionais, em renhida e artistica lucta.

No proximo numero publicamos a equipe do Centro Nacional de Esgrima vencedora da Taça Antonio Martins e os retratos dos srs. Jayme Paredes e Frederico Paredes, vencedores de outra taça offerecida pelos sr. conde dos Olivaeos e da Penha Longa e da taça offerecida pelo sr. visconde de Reguengos (jorge).

decidiu a fundação de um novo instituto commercial, que será inaugurado em outubro proximo, na capital do Imperio.

Essa mesma poderosa corporação dizia ainda ultimamente em um de seus relatorios ácerca das escolas superiores do commercio:

«O moderno desenvolvimento da Allemanha no sentido de tornar-se nação industrial e commercial impõe aos dirigentes da classe negociante exigencias cada vez maiores. Aos chefes das grandes firmas incumbe o dever de, nas relações mundiaes, em negociações com autoridades nacionaes e imperiaes, em representações parlamentares e de interessados, obter para uma parte da mocidade commerciante cultura intellectual, que sobreleve á fornecida pelas escolas em geral, pelas escolas de aperfeiçoamento e pelo ensino pratico.»

E' o que se realiza agora com a creação da escola que dentro de dous mezes vai inaugurar-se e cujos fins principaes são:

1.º Facilitar aos jovens negociantes, tendo sempre em consideração as circumstancias praticas, cultura aprofundada da sciencia commercial;

2.º Dar aos actuaes alumnos e alumnas das escolas de commercio meios de adquirirem os necessarios conhecimentos profissionais, assim theoreticos como praticos;

3.º Offerecer aos negociantes e aos individuos mais ou menos ligados á profissão a possibilidade de se formarem em ramos especiaes da sciencia commercial;

Fornecer aos funcionarios judiciaes, administrativos, consulares, aos empregados das camaras de commercio, etc., occasião de adquirirem conhecimentos technicos das sciencias commerciaes e economicas.

O programma contém as seguintes partes:

1.º Economia politica nas suas relações com as questões bancarias, bolsistas, financeiras e fiduciarias, com as associações de classe e as communicações terrestres e maritimas, com os assumptos agrarios coloniaes, sociaes, estatisticos e financeiros, com os seguros, com a historia do commercio e com a geographia commercial;

2.º Direito. Noções fundamentaes do Direito Civil e Commercial e das leis reguladoras do cambio, maritimas, dos seguros, legislação social, protecção industrial (patentes, amostras, marcas, etc.) e bem assim do processo, especialmente nas questões de communicações internacionaes, assumptos municipaes, administrativos, do direito das gentes e criminaes;

3.º Diccionario commercial, physica, chimica, technologica mechanica, tecnologica chimica, hygiene industrial;

4.º Technica commercial, contabilidade, correspondencia;

5.º Methodo do ensino commercial (os estudantes que se destina-

Notas de "sport,"

REGATA DA "TAÇA LISBOA," EM 1908



Os vencedores

No 1.º plano: — Francisco Duarte Junior, Carlos de Sá Pereira, timoneiro e Fernando Costa. No 2.º plano: — José Duarte e Fernando Cabral.
(Cliché, Vidal & Fonseca).

Esta regata, realisada ultimamente no Tejo, em frente da Junqueira, foi, sob todos os pontos de vista, brilhantissima. A Real Associação Naval, a aggreiação de sport portugueza mais antiga, além da corrida da Taça Lisboa, ganhou todas as corridas d'essa tarde, em que tomou parte, graças á excellencia da sua remada e do seu treno. Ao centro da gravura vê-se a Taça Lisboa.

rem ao professorado das escolas commerciaes poderão praticar em estabelecimentos de ensino dependentes da corporação dos negociantes);

6.ª Línguas: ingleza, franceza, hespanhala, italiana, russa, allemã para os estrangeiros, e outras;

7.ª Sciencias moraes, historia, historia de arte, historia da litteratura, philosophia.

O curso será de quatro semestres, e no fim o alumno terá direito de ser admittido a exame, de cujo resultado favoravel poderá obter carta.

B. Iliberê da Cunha.

(Continúa).



Os chinezes e a musica

Os chinezes são apaixonados pela musica, em gráu superlativo, e essa paixão data de quasi tres mil annos antes da vinda de Christo; desde quando um antiquissimo soberano, o primeiro imperador da China, o fabuloso Fu-Si, inventava o primeiro instrumento musico, a lyra horizontal, de vinte e sete cordas, chamada *kin*, e Ling-Luen, ministro de seu filho Huangati, inventava a escala composta de seis tons perfectos e seis imperfectos, modulando-a pelos sons produzidos pelos ramos novos de bambu, quando percutidos pelo vento, e sobre os cantos de um casal de fénices na epoca dos amores!

A musica na China, é contada entre as seis artes liberaes, e occupa o segundo logar, depois da urbanidade; precedendo o tiro do arco, a arte de conduzir um carro, a calligraphia e a mathematica.

O memorial dos ritos prescreve que, aos treze annos, se aprenda a musica, o canto da poesia e a mimica.

Antes de nascer Confucio, — o qual tinha a musica no mais alto conceito, e tanto que um dia, cheio de admiración á vista de uma esplendida orchidea, não soube fazer nada melhor do que pegar na cythara e tocar-a melancolicamente; — antes do nascimento d'esse grande sabio, o imperador King-Vang tinha feito metter em musica as regras da vida correcta e virtuosa, afim de que a harmonia e os sons variados soubessem inspirar a virtude, e convidassem os animos a praticá-la.



Notas de "sport," — FESTA DE CARIDADE NO PARQUE FONTALVA

O jury, como se vê, da esquerda para a direita, compunha-se dos srs: capitães José de Mello (Sabugosa) e José Corrêa de Mendonça, Joaquim Costa, general Damasceno Rosado, presidente, Manoel Figueira Freire da Camara e D. Jorge de Menezes.



Notas de "sport" — FESTA DE CARIDADE NO PARQUE FONTALVA

Instantaneo do desastre do tenente André Reis. O cavallo está por terra, e em volta do ferido, vêem-se o medico, dr. Oliveira Feijão, varios sportsmen e membros do jury.

(Cliché de A. C. Lima).



Notas de "sport"

Festa de caridade no parque Fontalva

A amazona sr.ª D. Elisa de Castro, filha do sr. Possidonio de Castro e discipula do professor d'equitação João Gagliardi

(Cliché Serra Ribeiro).



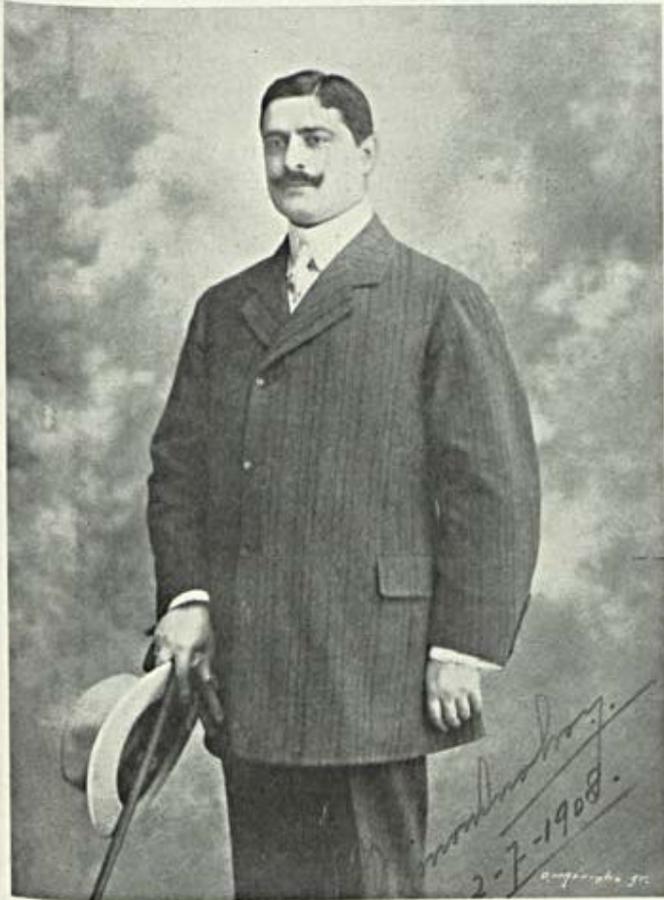
Notas de "sport"

Festa de caridade no parque Fontalva

A amazona sr.ª D. Maria Amelia de Castro, filha do sr. Possidonio de Castro, e discipula do professor João Gagliardi

Nos dias d'hoje, a musica é cultivada em todas as familias chinezas, e não ha casa de boa gente onde as meninas não sejam instruidas sobre essa arte attrahentissima, entre as artes bellas.

Naturalmente, os tempos estão muito mudados; uma donzella chinesa não sabe, de certo, que Fu-Si tinha inventado o *Kin*, para que o seu povo, ao som do instrumento, soubesse reprimir os baixos



Mimon Anahory

Emprezario do theatro de S. Carlos

O actual empresario do primeiro theatro de Lisboa reúne qualidades que o impõem á confiança e á sympathia do publico.

Intelligente, de uma vivacidade não vulgar, emprehendedor, honesto, laborioso como poucos, é com estes predicados que se apresenta á frente da nova empresa. Começaram por lhe crear difficuldades: venceu-as todas.

Assim, vem Mimon Anahory preparado para uma tarefa arriscada e difficil em que tem, ao mesmo tempo, de conciliar interesses, de harmonisar pretensões, exigencias e vaidades, e sobretudo de desfazer e annular as más tradições da empresa que antecedeu a sua.

Sé como empresario do Real Theatro de S. Carlos, Mimon Anahory é por emquanto uma esperança, o Brasil Portugal, que tem o mais entranhado culto por todos os progressos da Arte, faz votos para que essa esperança em breve se converta n'uma esplendida realidade.

instinctos; mas que importa? Saberá, em compensação, uma infinidade de historias de amor e cantal-as-ha com tanta graça sobre a modulada *Scien-tze*, ou sobre a sentimental *p'i-p'a*, que se constituirá o idolo da casa e a alegria dos pavilhões onde vive com a familia.

Saberá a historia de Pei-ya, o grande tocador de lyra, que, ao saber da morte de um amigo seu, tão intelligente cultor musical, que adivinhava o que elle estava pensando só por ouvi-lo tocar, despedaçou, no mesmo instante, o instrumento, exclamando: «Morreu o unico homem, que no mundo sabia apreciar o meu genio musical!»

Saberá a historia da viuva dos formosos ciliós, semelhantes a duas montanhas remotas; a joven Wen-Kiun, a qual, escutando um dia Se-ma-Siang-yu, que tocava uma melodia na sua lyra de sandalo com cordas de seda, ficou de tal maneira impressionada que, no mais profundo da noite, abandonou a casa paterna para fugir com o musico admiravel para o paiz de Se-tck'oan.

E a historia graciosa de Long-yu, filha do governador de Ts'in, a qual tendo ouvido um grande artista tocar flauta, se enamorou

d'elle, e quiz absolutamente desposá-lo para aprender musica com tão divino mestre. Depois de dez annos de estudo, tinha feito tantos progressos que um dia, estando ella a imitar o canto da phenix fêmea, veiu um phenix macho pousar na torre em que ella habitava, enganado e arrebatado por aquelles sons tão naturaes.

E a historia da corajosa tocadora Techao-Yun, a qual seguiu atraz dos Kiong em plena revolta, e lhes fez ouvir as arias mais suaves, tocadas na sua flauta magica, até que por fim as lagrimas rebenfaram nos olhos d'aquelles forçados, amansando-os a ponto de se decidirem a submeter-se de novo ao seu senhor.

Sem ter a pretensão de conhecer a musica como Ts'aiwen-Ki, nem de possuir o seu maravilhoso ouvido musical, que, unido á sua prodigiosa memoria, forma d'ella uma das glorias femininas da China, a donzella chinesa contentar-se-ha, em conhecer alguma das canções mais em voga, e cantá-la-ha acompanhando-se flebil e suavemente com aquella graça que é a característica chinesa.

Os instrumentos musicaes chinezes são muitos e variados. Na bella gravura desenhada expressamente para um jornal italiano por um grande conhecedor de musica chinesa, residente em Pekim, vêem-se treze dos mais communs. No sul toca-se commumente a *P'i-pa* e o *Yangts'in*, que é invenção mais moderna e que tem muita analogia com os instrumentos similares europeus.

Nos concertos, para os solos, o cantador acompanha-se com a *Scien-tze* e o côro com a *p'i-pa*. Os cantadores chinezes são mais especialmente originarios das provincias de Cantão, de Shanghae ou de Pekim. Ha-os, de todas as provincias; mas estes são os tres typos predominantes.

A cantadora de Cantão é, sem duvida, a mais graciosa; as suas melodias, altas, bizarras, alternadas com os baixos das cytharas, e com o afanoso bater do tamboril em cadencia, tem qualquer cousa de caracteristico.

A extranheza do canto surprehende ao principio, pelo facto de se afastar de tudo quanto nós, os europeus, estamos costumados a ouvir; mas ao observador profundo não pode escapar uma melodia cheia de seducção, de bem regulada factura, grave e lenta no começo, que vae gradualmente accelerando-se, até terminar n'uma phrase larga e solemne, com um agudo final bastante *spiccato*.

O canto e a musica das senhoras de Shanghae são mais doces e mais melancolicos. As senhoras de Pekim fazem uma musica mais rude; sente-se n'ella o fragor das armas, o rolar dos tambores, o



Freitas Brito

Director artistico do theatro de S. Carlos

A direcção do theatro lyrico está confiada a um homem que passou grande parte da sua vida a... dirigi-lo. E é essa competencia provada que o publico que mais por estes assumptos se interessa accetou jubilosamente fiado em que o actual director de S. Carlos, querendo honrar a sua tradição e o seu nome, saberá congregar todos os elementos para que as futuras companhias lyricas se imponham pela sua organização, pela qualidade dos seus artistas, pela excellencia do seu repertorio.

arrastar dos carros de guerra. As mesmas nenias ou elegias são historias sanguinarias de guerras e de combates, apenas alegradas de quando em quando, por algum episodio de amor, de uma rainha ou de uma castellã.

No emtanto, as damas chinezas gostam da musica, e preferem-na, por aquella impressão de paz e de serenidade que nella domina,

Grande Album de Expositores, Exportadores e outros annunciantes

EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO

A Empresa do *Brasil-Portugal* emprehendeu a publicação de um *Album*, que, pela sua vasta divulgação, servisse os interesses de commerciantes, agricultores, industriaes, artistas, e expositores portuguezes que concorrem á proxima Exposição do Rio de Janeiro.

Fez distribuir circulares expondo as condições e vantagens offerecidas, e a relação de nomes que abaixo se publica prova como a ideia foi acolhida e como tem attrahido das mais laboriosas classes da sociedade portugueza sympathias e adhesões.

Eis as vantagens offerecidas pelo

Grande Album de Expositores, Exportadores e outros annunciantes

Grande formato. Papel de luxo. Tiragem avultada.

Publicação destinada a todo o Brasil, Portugal e colonias durante a Exposição do Rio de Janeiro feita pela antiga Revista *Brasil-Portugal*, actualmente representada do Rio de Janeiro por um dos seus directores, Loryó Tavares, membro da commissão portugueza da Exposição.

Annuncios illustrados com «fac-similes» das casas annunciadoras

Installações, productos, artefactos, retratos, etc. Alternadamente, paisagens, terras edificios, sciencia, literatura.

As gravuras são por conta da empresa

Cada subscriptor de 1 pagina tem direito a 5 exemplares do Grande Album

A lista de subscriptores de Lisboa e outros pontos do paiz é já numerosa.

Recebem-se adhesões, annuncios, photographias, etc., até no **dia 20 de Julho**, na séde da Calçada do Sacramento, 14, onde se trata.

Annunciantes já inscriptos para o GRANDE ALBUM:

Ernst George Successores	Rua da Prata	Carlos A. de Almeida & A. de Mendia	Porto
Joaquim Vieira Junior (Sanguinhal)	Rua do Alecrim	Hansen	Lisboa
Reis Collares (Marcenaria 1.ª de dezembro)	Rua da Rosa	Fabrica de Licores e Aguardentes	Ancora
Domingos Antonio da Silva Meira	Rua Rosa Araujo	Casa Neuparth	Rua do Almada
Jayme Santa Barbara & Ct.ª	Rua dos Capellistas	João de Brito L.ª	Rua dos Arameiros
A. J. Iniguez & Iniguez	Rua D. Carlos	Empreza das Aguas das Lombadas	Avenida da Liberdade
Santa Barbara & C.ª	Rua dos Capellistas	A. Rosas & C.ª (Casa Brasil)	Rua Augusta
Antonio Dias Amado	Largo de S. Paulo	Lopes Coelho Dias & C.ª	Porto
Empresa Ceramica de Lisboa	Rua da Boavista	Real Companhia Vinicola do Norte	Porto
Costa & C.ª	Rua da Palma	Lopes & Teixeira	Rua Ivens
Ramiro Leão & C.ª	Chiado	Pharmacia Barral, successor Antonio Alves Barata	Rua Aurea
José Ignacio Alves Valladares	Rua de S. Paulo	Joaquim J. Lory	Rocio
Guilherme C. Coutinho	Rua dos Industriaes	Companhia Agricola Commercial de Vinhos do Porto	Porto
Nova Sapataria da Moda	Rua Augusta	«Jornal de Noticias»	Porto
Leitão & Irmão	Chiado	Companhia Vinicola do Norte de Portugal	Porto
Moreira de Sá	Rua de Santo Antonio (Porto)	Lemos & Filhos	Porto
Pedro Henriques & C.ª	Penacova	Aguas das Pedras Salgadas	Porto
Wiese & Krohn Successores	Porto	J. H. Andressen, successores	Porto
Antonio Ferreira Menéres	Porto	Companhia de Agricultura Vinhos do Alto Douro	Porto
João Eduardo dos Santos Junior	Porto	Valente, Costa & C.ª	Porto
Clemente Menéres L.ª	Porto	A. Callen	Porto
Aguas da Curia	Mogofores	Antonio Augusto Henriques	Porto
Companhia Agricola Commercial de Vinhos do Porto	Porto	Pharmacia Pombeiro	Porto
Joalheria Marques	Porto	Fabrica de papeis pintados, de Antonio Cardoso da Rocha	Porto
João Augusto da Silva Martins	Abrantes	Fabrica de luvas, de Enrique Rodriguez Ruiz Jarque	Braga
José da Costa Fragoso	R. Ferreira Borges	Casa de vinhos especiaes da Madeira, de F. F. Ferraz	Funchal
Nova Companhia Nacional de Moagens	Lisboa		
José Maria da Fonseca (successores) Moscatis de	Setubal		
Paiva Dentista	Rua do Arsenal		